

DISCURSO DE ABERTURA

XI Jornadas “Novos Paradigmas da Proteção Civil”

Reitor da Universidade Lusófona, Prof. Doutor José Bragança de
Miranda

Espinho, 29 de maio de 2025 – Fórum de Arte e Cultura de Espinho
(FACE)

Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Dr.^a Maria
Manuel Cruz,

Exmos. Senhores representantes das Forças de Segurança e Proteção, da
Autoridade Marítima, da Saúde, da Administração Pública e das
Autarquias,

Caros especialistas, agentes da proteção civil, académicos, estudantes,
profissionais e cidadãos aqui presentes,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É com grande honra e sentido de responsabilidade que tenho o
privilégio de dar início a esta XI edição das Jornadas Novos Paradigmas
da Proteção Civil, organizadas pela Universidade Lusófona, em parceria
com a Câmara Municipal de Espinho, a quem agradeço profundamente
pela hospitalidade, pela colaboração institucional e pelas condições
criadas para acolher esta iniciativa que hoje nos reúne.

Permitam-me que comece com uma palavra especial. Esta jornada é, sem dúvida, a expressão de uma convicção persistente – uma “teimosia generosa”, se me permitem a expressão – do Professor Artur Costa, meu querido colega. É graças ao seu empenho, à sua visão e à dedicação da equipa do Departamento de Proteção Civil do nosso Centro Universitário do Porto que esta iniciativa se consolidou ao longo dos anos, como um espaço de encontro, partilha e construção coletiva de saber e prática. E isso não é pouco – como bem sabemos, insistir no conhecimento, no debate informado e na formação dos agentes que zelam pela segurança de todos é, hoje, mais do que nunca, um ato de compromisso com o futuro.

As jornadas que hoje se iniciam decorrem sob um tema particularmente sensível e atual: “A Água e os Riscos de Proteção Civil”. Poderíamos dizer que se trata de um paradoxo: aquilo que nos dá vida é também, cada vez mais, fonte de destruição, perda e tragédia. A água, esse bem fundamental, está hoje no centro de múltiplos riscos – inundações, cheias, colapsos de infraestruturas, erosão costeira, tempestades, desequilíbrios ecológicos e até escassez extrema.

Todos temos na memória episódios que marcaram profundamente o nosso país: as trágicas cheias de Lisboa, em 1967, que ceifaram centenas de vidas; o desastre na Madeira, em 2010, onde a força da água arrastou tudo pela frente; ou, mais recentemente, as imagens devastadoras de Valência, em 2024, que nos chegaram com a frieza brutal dos números e a força emocional das imagens televisivas.

A verdade, Minhas Senhoras e Meus Senhores, é que a Proteção Civil não é apenas um sistema institucional ou um conjunto de dispositivos técnicos. É, antes de tudo, uma ideia de comunidade, de coesão e de ação partilhada. Como bem define a Lei de Bases da Proteção Civil, trata-se de uma atividade permanente, multidisciplinar e plurissetorial, que visa prevenir riscos coletivos, minimizar os seus impactos e proteger e socorrer pessoas e bens em perigo.

É por isso que dizemos, com justeza: “Proteção Civil somos todos nós.” Do cidadão comum ao decisor político, dos serviços operacionais ao setor académico, todos partilhamos a responsabilidade de construir um sistema mais resiliente, mais informado e mais eficaz. A segurança coletiva não é um bem garantido – é um bem construído, todos os dias, com conhecimento, vigilância, planeamento e compromisso.

As jornadas de hoje espelham bem essa pluralidade de saberes e de responsabilidades. O programa é de uma riqueza notável, reunindo peritos nacionais e regionais, representantes institucionais e investigadores que partilham connosco experiências concretas, análises rigorosas e propostas inovadoras.

É importante sublinhar que a escolha deste tema desvia, por um momento, o foco tradicional nos incêndios florestais para um outro plano de risco: o inverno, a intempérie, a cheia, a erosão, o colapso hídrico. E fá-lo com visão, porque é aí que ainda vamos a tempo de melhorar a preparação, de reforçar a prevenção, de planear com mais rigor e com mais ciência.

Portugal está preparado? Estamos, enquanto sociedade, a fazer o suficiente para acompanhar a complexidade crescente dos riscos naturais? A resposta não pode ser apenas institucional. Precisa de ser técnica, científica, pedagógica, cultural e até ética. Estar preparado é também estar informado.

É isso que estas jornadas nos oferecem: a oportunidade de ampliar o conhecimento, de consolidar redes de cooperação, de partilhar boas práticas e de cultivar uma consciência cívica mais exigente.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, estas jornadas são, ao mesmo tempo, um ponto de encontro e um ponto de partida. Um encontro entre profissionais, investigadores, estudantes e responsáveis políticos e técnicos; mas também um ponto de partida para novas práticas, novas colaborações, e novas formas de encarar os desafios que temos pela frente.

Que este dia seja, para todos nós, uma ocasião de aprendizagem, de inspiração e de reforço do nosso compromisso com a segurança das pessoas, dos territórios e do futuro comum.

Agradeço a todos os presentes, oradores, moderadores, organizadores e instituições envolvidas.

Desejo-vos um excelente trabalho e um dia pleno de ideias e contributos úteis.

Muito obrigado.